

REGGIO EMÍLIA, A CIDADE EDUCADORA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

REGGIO EMÍLIA, LA CITTÀ EDUCATORIA: UN RAPPORTO DI ESPERIENZA

Janaina Oliveira Gonçalves **1**
Angelita Aparecida Azevedo Freitas **2**

Resumo: O presente artigo apresenta um relato de experiência sobre a abordagem educativa de Reggio Emília, uma cidade educadora, localizada no norte da Itália. A partir desta experiência, buscou-se compreender os princípios educativos da cidade italiana e as possíveis contribuições para a Educação Infantil no Brasil. A investigação leva em consideração as vivências na primeira infância, os contextos culturais educativos da cidade, a cultura do atelier e os princípios das 100 linguagens à luz das pesquisas do educador Loris Malaguzzi, construtor inicial do projeto educativo em Reggio Emília, que é considerada mundialmente como “a cidade que educa”, tornando-se um patrimônio educacional para os italianos e demais educadores do mundo inteiro, que visitam a cidade como fonte de inspiração para as práticas pedagógicas infantis.

Palavras-chave: Reggio Emília. Infância. Atelier. Linguagens. Patrimônio Educacional.

Riassunto: Questo articolo presenta un rapporto sull'esperienza dell'approccio educativo di Reggio Emilia, una città educante, situata nel nord Italia. Da questa esperienza, abbiamo cercato di comprendere i principi educativi della città italiana e i possibili contributi all'educazione della prima infanzia in Brasile. L'indagine prende in considerazione le esperienze della prima infanzia, i contesti educativi culturali della città, la cultura dell'atelier e i principi di 100 lingue alla luce della ricerca dell'educatore Loris Malaguzzi, il costruttore iniziale del progetto educativo a Reggio Emilia, che è considerato in tutto il mondo come “la città che educa”, diventando un patrimonio educativo per italiani e altri educatori di tutto il mondo, che visitano la città come fonte di ispirazione per le pratiche pedagogiche dei bambini.

Parole chiave: Reggio Emilia. Infanzia. Studio. Le Lingue. Patrimonio Educativo

Doutoranda e Mestra em Educação pela Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP (2020). Pós - graduada em Metodologia do Ensino Superior (2009/FINOM). MBA em Gestão de Pessoas (2011/UNOPAR) e Docência em Educação Infantil (2016/UFOP).
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4508777114681542>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7919-1855>.
E-mail: janainaomg@gmail.com

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Ouro Preto. Pedagoga. Psicopedagoga.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6487985001762300>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5578-7643>.
E-mail: posmra@yahoo.com.br

Iniciando o diálogo

O presente artigo traz o relato e reflexões acerca de uma experiência do(a) autor(a) ao visitar Reggio Emília, no norte da Itália, onde foi possível acompanhar e conhecer alguns aspectos do trabalho desenvolvido com crianças de 0 a 6 anos nesta cidade educadora. Integrando um grupo de estudos, no qual 90 brasileiros participaram em companhia de outros educadores oriundos da América Latina o(a) autor(a) percorreu as ruas da tradicional cidade, com olhar atento ao projeto educativo do município e, procurando compreender a relação entre a cidade e a escola, a partir dos diferentes aspectos do patrimônio educativo, como a cultura, arquitetura, arte, história e contextos sociais locais. O palco de toda a experimentação e acolhida, além da própria cidade, foi o Centro Internacional Loris Malaguzzi, local dos encontros matinais para os estudos. O Centro Internacional era um armazém e transformou-se em um Centro de Pesquisa para se pensar nas crianças; tornou-se um lugar de encontros e relações, estabelecidos a partir da conexão com a cotidianidade da cidade.

O interesse pessoal a fez percorrer o caminho da pesquisa na tentativa de compreender o contexto histórico, filosófico e educacional da abordagem de Reggio Emília, conhecida também por sua “Pedagogia da Escuta”. Buscas a respeito da história da cidade e da proposta educativa implementada em suas escolas se deram por intermédio de uma viagem pedagógica e aprofundamento teórico que, contribuíram para as premissas a respeito da cidade que educa. Caminhar por Reggio Emília, sentir, ver, vivenciar, tornou-se um interesse primordial como forma de elaboração de um artigo com conotação científica, mas também dotado de uma experiência pessoal, exploratória e real. Uma experiência palpável em uma cidade que é patrimônio educativo e que recebe anualmente centenas de educadores, imbuídos pelo desejo de compreender os princípios educativos da cidade.

Diante do exposto, este texto que ora se apresenta, tem por objetivos relatar as experiências do(a) autor(a) em sua visita de estudo à Reggio Emília, apresentando um olhar sobre a abordagem Reggiana; contextualizar historicamente a cidade; descrever e refletir sobre como se dão algumas das experiências com a primeira infância em suas escolas, de forma a possibilitar possíveis contribuições pedagógicas para a Educação Infantil brasileira. Intenta-se ainda fomentar a discussão sobre qual Educação Infantil deseja-se construir e como conceber o direito às crianças, de escuta, partilha, diálogo, partindo de uma concepção de infância que considera as crianças como seres potenciais e que as respeita em seus interesses, necessidades e diferentes linguagens. E ainda, reconhecer a cultura do Atelier em Reggio Emília, como grande responsável por potencializar a Arte entre as crianças, entrelaçando-a aos processos da cultura escolar e da própria cidade.

Contextualizando Reggio Emília

A Itália foi um dos países participantes da Segunda Guerra Mundial e, após o período de embate, e, como era de se esperar, seu cenário econômico, político e social, tornou-se devastador. Na primavera de 1945, após a guerra, Vila Cela, um lugarejo Italiano localizado na região de Emília Romagna, próximo a Reggio Emília, tomou uma sábia decisão de reconstruir a cidade e erguer uma escola para crianças pequenas. Reutilizaram os tijolos retirados dos destroços do pós-guerra, venderam um tanque do exército alemão que havia ficado abandonado, alguns cavalos e poucos caminhões para arrecadar verba para o empreendimento.

Loris Malaguzzi (1920-1994), um jovem professor e idealista, fascinado pela história de Vila Cela, resolveu constatar com seus próprios olhos a veracidade dos fatos. Chegou de bicicleta à Vila e se juntou aos pais das crianças, unindo forças para levantar a futura escola. Começava ali também a idealização de um projeto educativo. Loris Malaguzzi estabelecia um diálogo com as teorias de vanguarda da época, como as de Piaget, Freinet, Vygotsky e John Dewey, em um período em que as obras de tais teóricos não haviam ainda sido traduzidas para o italiano. Loris demonstrava-se investigativo em suas ações e persistia em uma busca constante pelo conhecimento, que passou a ser disseminado entre os professores e ouvintes naquele período. De igual modo, o movimento coletivo da comunidade continuou e outras sete escolas foram criadas nas redondezas de Reggio Emília, mantidas pelas famílias e por ações de voluntários, a partir de uma luta social e política.

Em Reggio Emília os “Nidos”, como são denominados, correspondem ao atendimento de crianças de 0 a 3 anos. E “Scuolas Del Infanzia”, as escolas da infância, que recebem as crianças de 4 a 6 anos. Várias escolas nasceram do contexto de apoio comunitário e envolvimento das famílias na cidade. Dentre elas está a “Scuola Paulo Freire”, que carrega o nome de um mestre da educação brasileira, cujas ideias se completam e dialogam com a proposta educativa de Reggio Emília. Loris Malaguzzi (1920-1994) foi fundamental diante de todo este processo de implantação das escolas em Reggio Emília, sendo que fomentou a reflexão da ação educativa. Ele levou a debate o tema do direito das crianças; não somente a questão do cuidado e da tutela, mas o reconhecimento de uma criança cidadã, dando a ela voz na cidade onde vive. Promulgando a cidade como um direito de todos e a cidade como patrimônio educativo. “O desejo era de estabelecer o direito de manter a maravilha, a curiosidade, a poesia, a razão e a emoção”, relata Paola Cagliari (informação verbal)¹, Diretora das Escolas e Creches da Infância das Instituições do Município de Reggio Emília. “Considerando que o sistema educacional em toda a Itália é rígido e voltado para a escolarização e cognição, percebia-se que o adulto havia perdido todo o encantamento”, reforça Cagliari ¹ (2016). Segunda ela, deixar se levar em direção ao belo, ao novo, ao espetacular, aos sentidos, às sensações, a Arte, era importante para as crianças. Loris fazia debates com a população, pais, cidadãos e com a escola, que também era impulsionada a sair de seus muros.

Numa certa ocasião, em um caminhão, as crianças deixaram a escola para ter aula na praça da cidade. Realizaram as atividades ao ar livre e a experiência foi tão fantástica, produtiva e interativa, que passaram a visitar a praça central uma vez por semana. Assim, diversas formas de ensinar e aprender foram construídas em parceria com as crianças, professores e se perpetuam até os dias atuais. O Município tem atualmente uma média de 170 mil habitantes e possui uma gestão municipal que é bem diferente do restante da Itália. Há instalado na cidade um sistema de educação integrado, cujo grupo de educadores e famílias se encontra para debater, para estar junto em uma mesa, coprojetar e gerir a estrutura da escola. Há nestas reuniões, representantes de escolas particulares e municipais, pois o tema que norteia os encontros não é a razão social de cada instituição, mas, sobretudo, a educação.

Para que toda a gestão da escola aconteça, o município de Reggio Emília constituiu uma instituição para gerir as creches, escolas e colaboradores. Há presidência e uma direção com autonomia pedagógica. A cidade se comunica com a escola e a escola com a cidade constantemente. De forma sinfônica, cada membro integrante e participativo rege a orquestra maior, que é considerada metaforicamente aqui, como a Educação das Crianças Reggianas.

Caminhando pela “Cidade que Educa”

A cada passo, um olhar de admiração; no caminho, um sentimento de empoderamento de um lugar desconhecido que conspira em favor do belo, do diferente, de novas descobertas e entrelaçamentos. A caminhada em Reggio Emília transforma-se em uma exploração do ambiente, uma experiência sensorial, cultural. As ruas bucólicas, com árvores e cantos dos pássaros, misturados às buzinas dos carros, movimento das bicicletas, aos passos dos pedestres nas calçadas, logo cedo, surpreendem. Letreiros e sinalização em meio aos trilhos da estação, a arquitetura nova em harmonia com a antiga, são focos de atenção. Uma simples caminhada pelas ruas da pacata cidade possibilita trazer à tona a ideia de que na ausência da utilização do código convencional de escrita e leitura torna-se possível a vivência por meio de imagens, sons, luzes, bens imateriais, relações. Num país europeu, com cultura e características locais, a caminhada acontece de forma reflexiva, cada passo impulsionava o(a) autor(a) a entender o porquê daquela cidade ser considerada tão importante, artística e educativa. Quantas linguagens, em um só lugar.

Em uma das praças da cidade de Reggio Emília, o teatro foi o primeiro monumento a ser contemplado. Estava ali, imponente, como nas fotografias outrora vistas. De fato, seu prédio era grandioso e havia vida ao seu redor. Pessoas andando de um lado para o outro, outras sentadas em um banco tranquilamente. O teatro servia como ponto de encontro, como marco de

¹ Paola Cagliari, Diretora de Escolas e Creches da Infância no Município de Reggio Emília. Seminário Internacional no Centro de Pesquisas Loris Malaguzzi. Mai/2016.

uma história, como palco de muitos espetáculos e como referência em uma cidade educadora. A fonte de água à sua frente bailava à noite com as coloridas luzes de neon. O centro histórico da cidade é composto por igrejas, casarões, ruelas, becos e é possível ver as marcas da antiguidade nos arcos das portas que guardavam a cidade, nos belíssimos monumentos arquitetônicos, nos museus, nos antigos hotéis e nas tradições mantidas pela população. Estar em Reggio Emília é sentir o vento gelado ao entardecer, sendo acolhida por uma cidade bucólica, com seu magnífico cenário medieval.

Dois praças são referências na cidade. Para os cidadãos de Reggio Emília são conhecidas como praça pequena e praça grande. A praça pequena é ainda o espaço dedicado ao mercado, às feiras de domingo. Este local é bem famoso no âmbito educacional por causa dos leões que o enfeitam. Há cerca de 30 anos circulou um vídeo mostrando crianças de Reggio em cima dessas estátuas. Os leões são de mármore vermelha da cidade de Verona. Segundo a história, eles foram trazidos pelos canais de água e os camponeses foram ver, pois ao flutuarem, pareciam andar pela grama. Para os cidadãos, a praça dos leões é denominada como a Praça do Povo, mas seu nome verdadeiro é Pizza San Propero. A outra, a grande, é a Praça do Poder, porque nela estão o Palácio do Bispo, a Prefeitura, a Torre Cívica com o relógio, o Museu da Bandeira e também o monumento apreciado pelos cidadãos de Reggio, que é a estátua de Crostolo, que representa os rios da cidade. Esta é, em sua origem, intitulada como Pizza Camillo Prampolini. No fim da tarde é fácil encontrar os turistas e moradores de Reggio Emília encerrando suas atividades ao ar livre e se divertindo nos restaurantes que compõem o entorno da praça.

Ao caminhar por Reggio Emília um sentimento especial parece tomar conta, ao entrar em alguns estabelecimentos comerciais encontram-se traços infantis por ali. Há desenhos de crianças no balcão, há obras de Arte dependuradas na parede. Percebe-se que há uma sintonia, uma conexão nas ações que são realizadas pela escola e pela cidade. Com o exemplo de imagens pintadas em um sobrado nas proximidades do Centro de Pesquisa e do grafite do túnel do metrô, tem-se a sensação de que há ações humanizadas e compartilhadas com regularidade na cidade.

As crianças criam sugestões de como as pessoas podem fazer para não se entediarem nos bares e restaurantes, realizam produções gráficas ou modelagens que vão parar em lojas, praças públicas e em outros locais de circulação. Para a população da cidade, as crianças têm direito a lugares educativos. Ocupar a cidade com traços das crianças torna-se muito importante e uma experiência cotidiana. A identidade infantil toma conta dos espaços em Reggio Emília e destaca-se a divulgação constante de que as crianças são sujeitos de direito.

A “cidade que educa” traz consigo o perfil de uma cidade pitoresca, centenária, que carrega marcas de uma história repleta de singularidades e contextos. É vista como referência mundial, sua pedagogia provoca os passos de educadores de todo o mundo para ouvi-la, percebê-la, senti-la, inspirar-se com ela e por meio dela. Desta forma, vivenciar, mover-se em direção ao novo, entusiasmar-se com cada detalhe e ter a possibilidade de transpor barreiras para ressignificar o cotidiano foram situações que abraçaram o(a) autor(a) nos dias em que caminhou pela cidade de Reggio Emília.

As cem linguagens da criança em Reggio Emília

Loris Malaguzzi (1920-1994) é considerado o construtor da Pedagogia em Reggio Emília e por intermédio dele pode-se defender que o trabalho com crianças de 0 a 6 anos é sempre possível; basta um adulto, basta um lugar, basta um olhar. Também é de Loris Malaguzzi a poética das “Cem Linguagens”. Trata-se de uma metáfora, que nos apresenta a ideia de que a criança possui várias formas de pensar, de ver o mundo, que possui inúmeras maneiras de se comunicar, de se expressar, de sentir, de entender, de fazer.

A criança é feita de cem. A criança tem cem mãos, cem pensamentos, cem modos de pensar, de jogar e de falar. Cem, sempre cem modos de escutar, de maravilhar e de amar. Cem alegrias para cantar e compreender. Cem mundos para descobrir. Cem mundos para inventar, cem mundos para

sonhar. A criança tem cem linguagens (e depois, cem, cem, cem), mas roubaram-lhe noventa e nove (MALAGUZZI, apud EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 1999, p.5).

Toda criança, como ser humano que é, traz consigo “cem” possibilidades de viver a vida. Desta forma, a valorização das linguagens verbais e não verbais torna-se primordial. Não há porque valorizar somente um tipo de linguagem, ou apresentar no cotidiano das creches e das escolas da infância poucas possibilidades para as crianças, uma vez que as linguagens musical, matemática, estética, oral, linguística, plástica, sensorial, motora, artística, poética, erudita, natural, digital, entre outras, são de igual modo importantes e necessárias ao desenvolvimento infantil. Sendo assim, “a criatividade exige que a escola do saber encontre conexões com a escola da expressão, abrindo portas (este é o nosso slogan) para as cem linguagens das crianças” (MALAGUZZI, apud EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 1999, p.87)

Crianças são dotadas de mente plástica, que transforma-se cotidianamente. Comunicam-se não só com as palavras, mas também com seu próprio corpo. Ao serem questionadas porque os desenhos sempre aparecem nas produções das crianças em Reggio, apesar da relevância do uso de diferentes linguagens, Annalisa Robotti (informação verbal)² responde que “a linguagem gráfica de igual modo é importante, e, às vezes, vem antes mesmo da palavra, da oralidade”.

Verifica-se que uma das primeiras manifestações infantis na tentativa de deixar uma imagem de si é por meio da linguagem gráfica, assim como recolher dela, algo sobre si mesma e os outros. E isso não ocorre só, mas num contexto. Às vezes, as crianças escolhem contextos e linguagens diversificadas para se expressarem. Outras vezes o próprio educador deve provocá-las para que ocorra a investigação de outras possibilidades. Mas é importante pensar que há várias formas de se manifestar, além do desenho, da escrita, da oralidade. É inegável que a grafia, por meio de desenho, torna-se fundamental. Mas, os materiais plásticos, fotografias, papéis, objetos, entre outros, são imprescindíveis para que diálogos sejam oportunizados. A manipulação de tais materiais permite que as crianças estabeleçam um contato com outras formas de pegar, sentir, fazer combinações e explorá-los.

A utilização de variadas linguagens permite que as crianças agucem sua sensibilidade de diferentes maneiras. “Sabe-se que crianças geralmente criam perguntas de forma emocional e lógica. São iguais e ao mesmo tempo diferentes”, diz Maddalena Tedesch (informação verbal)³. Compreende-se, portanto, que o pensamento infantil possibilita o diálogo com incontáveis linguagens e são processadas de forma particular, subjetiva.

Em Reggio Emília o mais latente é “escutar, pensar com as mãos”, como dizia Loris Malaguzzi; ver além, “emprestar suas próprias habilidades aos pequenos”, dar-lhes ouvido. Considera-se que a comunicação serve para viver e também para dar sentido às coisas. Assim, a valorização das múltiplas linguagens permite o manifestar-se infantil em seu mais alto processo criativo. De forma que “a criatividade parece expressar-se por meio de processos cognitivos, afetivos e imaginativos, que se unem e que apoiam as habilidades para prever e chegar a soluções inesperadas” (MALAGUZZI, apud EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 1999, p. 87). É considerado, portanto, que a criança é feita de vários pensamentos, diferentes formas de agir, não somente de uma única linguagem, mas de “cem” e tantos outros “cem”. Torna-se necessário ter sensibilidade para encontrá-las.

Ambientação e Relações

Em Reggio Emília os visitantes são orientados a não fotografarem ou filmarem o interior da escola. Isso se dá pelo respeito à identidade pessoal das crianças e ao projeto educativo, garantindo a integridade da propriedade intelectual do mesmo. Em visitação aos espaços é

2 Annalisa Rabotti, Pedagoga – Escolas e Creches da Infância no Município de Reggio Emília. Seminário Internacional no Centro de Pesquisas Loris Malaguzzi. Mai/2016.

3 Maddalena Tedesch, Pedagoga – Escolas e Creches da Infância no Município de Reggio Emília. Seminário Internacional no Centro de Pesquisas Loris Malaguzzi. Mai/2016.

autorizado somente gravá-los na própria “retina e no coração”. O primeiro ambiente que se apresenta aos visitantes é uma ampla sala, chamada de “praça”, um espaço aberto em sua arquitetura, destinado também à acolhida da criança e de sua família. Ali concentram-se instalações e inúmeros materiais que ficam à disposição delas, um ambiente favorável às relações. A partir dessa “praça”, outros espaços se ligam e se comunicam.

Uma sala se conecta a outra por grandes janelas de vidro, paredes transparentes. Se há um grupo de crianças em um determinado ambiente em processo de produção e interação, são notadas e ficam visíveis aos olhos de outro grupo que se utiliza do espaço ao lado, por exemplo. As salas são amplas, arejadas, com mobiliários adequados às necessidades das crianças. O acesso ao lavabo é livre, assim como nas dependências da escola e pode-se dizer que além de um local familiar, aconchegante, é bonito e funcional. Chega-se à cozinha facilmente, onde refeições coletivas e participativas acontecem, pois as crianças têm a oportunidade de acompanharem a preparação da comida e ajudam a servir os colegas, posicionando os talheres, entregando os pratos, empurrando o carrinho com os apetitosos alimentos. A organização do espaço é preponderante, uma vez que contribui para a autonomia da criança, que o explora e interage com ele.

A copresença das professoras contribui fortemente para a qualidade do trabalho, possibilita o compartilhamento e a interação. Não há uma hierarquia rígida estabelecida na escola. Auxiliares, professores, atelieristas, todos compõem o grupo de trabalho e são considerados educadores nas funções que ocupam. A linguagem e o espaço se comunicam, constroem uma relação, um respeito mútuo. Os materiais translúcidos e transparentes espalhados nos ambientes, assim como madeira, papelão, plásticos, tecido, metais, sugerem múltiplas possibilidades no universo infantil. Provocam a curiosidade e montam o cenário de um ambiente que se modifica constantemente, conforme os projetos e experiências que são realizadas no local.

Crianças tornam-se um grupo que sabe aprender junto, passam a escolher entre várias oportunidades que lhes são oferecidas. O espaço físico se interliga, é de fácil acesso, possui aberturas que permitem o vaivém dos pequenos, portanto, transmite segurança e familiaridade. Nas relações estabelecidas, os educadores não estão em função somente do cuidado e segurança das crianças. Estabelecem um mesmo propósito, com um olhar que permite oferecer um ambiente favorável às aprendizagens. Por responsabilidade de todos, os professores têm um tempo juntos para repensarem o trabalho a partir da documentação que é feita. Recorrem à ficha de observação que possuem com os fragmentos diários que são coletados no convívio com as crianças. Há valores por detrás das ações e documentações dos educadores; há uma intenção e sendo assim, ela é considerada durante o período de planejamento.

Os pais, por sua vez, apresentam-se como tutores responsáveis e preocupados com os filhos, se interessam por eles, são interlocutores da escola e de sua gestão. Compreendem a importância da cultura escolar, fazem movimentos para a obtenção de serviços adequados, como antes, a exemplo de Vila Cella. Pensam na qualidade dos serviços à comunidade como algo estrutural, não somente para a população de 0 a 6 anos, mas para todas as idades. A população manifesta-se com profundo engajamento, se faz vista e ouvida dentro e fora dos muros da escola, num ciclo constante de relações educativas.

A Cultura do Atelier

O atelier é um lugar de visibilidade, de compartilhamento. A cultura das 100 linguagens está diretamente relacionada à cultura de atelier. É um espaço que oportuniza e fortalece a criatividade infantil. Nas palavras de Vecchi (2016):

“O atelier serve a duas funções. Primeiro, é um espaço que possibilita às crianças encontrar contextos interessantes e atraentes, onde elas podem explorar os diversos materiais, assim como técnicas que tenham possibilidades expressivas e combinatórias. Segundo, ele auxilia os adultos a compreender os processos de como as crianças aprendem” (VECCHI, apud EDWARDS; GANDINI; FORMAN 2016, p. 301).

Foi ideia de Loris Malaguzzi (1920- 1994) no final dos anos 60 colocar nas escolas da infância a figura dos atelieristas. “Pensar com as mãos” seria possível. Loris falava de uma abordagem fora dos esquemas rígidos entre a teoria e a prática. O atelier seria o lugar das diversas linguagens e possibilidades.

A partir de 1970 os ateliers foram introduzidos nas creches. A figura do atelierista está atrelada ao papel de construção juntamente com a escola, numa dimensão estética, que é importante na vida do homem e da instituição escolar. Sendo assim, “a personalidade e o estilo de cada atelierista torna cada atelier um local diferente” (VECCHI, apud EDWARDS; GANDINI; FORMAN 2016, p.124). A beleza, a poesia, a estética, compõem a dimensão dos ateliers.

A figura do atelierista se faz presente na projeção e realização de instalações juntamente com professores e crianças, bem como contribui com o diálogo no espaço educativo e articula os projetos que estão em andamento. Um atelier, segundo a concepção dos educadores em Reggio Emília, não é uma sala de Artes convencional, tampouco, o atelierista pode ser visto como o professor de Artes. É fácil ter equívocos sobre o que pode ser considerado Arte. O cotidiano da vida na escola construiu a identidade Reggiana e isso permitiu o encontro da Arte e a criatividade, em todas as suas complexidades. Loris fala da criatividade como uma faculdade mental não só dos artistas, mas pertencente a todos. Cada ser é potencialmente criativo.

Em um universo de perspectivas e engenhosidade, surge também em 1970, os mini ateliers, a partir da necessidade de expansão do atelier na escola. A intenção era a de ampliar o período de permanência com as crianças, com mais tempo para descobrirem e explorarem o ambiente do atelier, que oferece variadas oportunidades com as quais as crianças podem trabalhar, em pequenos grupos, de forma interligada. O entrelaçamento da cultura do atelier com a Pedagogia se associa à documentação diária e cotidiana que acontece na prática das escolas em Reggio Emília, ou seja, é algo que acontece naturalmente, de forma articulada e contextualizada. Torna-se relevante a compreensão de que mente e corações devem estar juntos durante o processo de documentação. Desta forma, atelieristas e educadores estudam, repensam os próximos passos e compartilham com as famílias das crianças essas produções. Tanto é que intervenções em Arte são planejadas e executadas conjuntamente, entre atelieristas e professores. Esses profissionais refletem juntos sobre quais materiais, espaços e tempo são mais adequados e a potencialidade que eles têm no processo de aprendizagem das crianças. Registram as etapas e repensam as ações pedagógicas, a partir do que é observado e vivenciado.

Nos ambientes planejados e preparados por educadores e atelierista, as crianças são estimuladas à intensa experimentação. O diálogo entre elas é valorizado e motivado. Muitas vezes o que surge ao acaso, transforma-se em possibilidades de aprofundamento, mediante o olhar atento dos educadores. Torna-se potente pensar que “se a gente não tem esse olhar não é possível acompanhar as crianças em sua dimensão humana. O material é usado em sua maior potência”, diz Manfredi (informação verbal)⁴.

Os instrumentos digitais, como o data show e o retroprojeto, evocam a brincadeira e são usados com frequência nos mini ateliers. Ao experimentar as possibilidades, as crianças criam desenhos em folha de papel e os mesmos são arquivados ou digitalizados. Os registros produzidos são revisitados e o trabalho sempre aprofundado. A atelierista Manfredi destaca ainda que a cultura do atelier une a teoria e a prática. “Viver em primeira pessoa a experiência do Atelier, é vivê-la por meio da condução de pessoas”.

Reggio Emília nos faz acreditar que os contextos escolares precisam ser educativos e dotados de oferta de experiências para as crianças. O ambiente nas escolas em Reggio Emília é acolhedor e propenso às aprendizagens. Por onde se anda nos ambientes, percebem-se espelhos no chão, material transparente entre os espaços, móveis projetando a luz da claridade no chão e paredes, projetores ligados, natureza em harmonia com a arquitetura do prédio, instalações com objetos à disposição das crianças. O uso do material não estruturado, como diferentes tipos de materiais de reciclagem, como vidro, papelão, plástico e recursos naturais, como gravetos secos, folhas e terra, demonstram a grande potencialidade do uso de tais recursos. O Brasil, como um país fértil destas matérias primas, poderia utilizar-se com

4 Francesca Manfredi, Atelierista – Escolas e Creches da Infância no Município de Reggio Emília. Seminário Internacional no Centro de Pesquisas Loris Malaguzzi. Mai/2016.

maior propriedade de tais elementos. Aquilo que é simples, fácil, barato, torna-se um grande tesouro nas mãos e na imaginação das crianças e educadores.

No que diz respeito ao Atelier torna-se importante considerar que não acontece uma aula semanal em horário pré- estabelecido para se trabalhar nele, como em aulas de Artes tradicionais. O Atelier é um lugar processual e potencial para se realizar os aprofundamentos constantemente. Professores e Atelieristas precisam dialogar para realizarem propostas. Este diálogo está diretamente ligado à vida na escola, do lado de fora, na praça da escola, no próprio atelier, e, nas sessões continuam as propostas aliadas às propostas e vivências do cotidiano da cidade.

Considerações Finais

A experiência em Reggio Emília se tornou objeto de estudo e reflexão e, os caminhos dessa investigação potencializaram um desejo cada vez mais intenso de refletir sobre a realidade educacional brasileira. A riqueza da experiência vivenciada está no fato de se colocar em diálogo com a “Pedagogia da Escuta”, “das 100 linguagens” e, sobretudo, da construção de uma infância bem vivida no contexto italiano, brasileiro ou onde quer que esteja uma criança.

A aproximação com a abordagem pedagógica de Reggio Emília propiciou um rico conhecimento de sua longa história de experiência com as crianças, sendo possível constatar que são inúmeros os lugares importantes na cidade, os quais carregam grandes significados para as crianças, educadores, famílias e pesquisadores que ali se encontram.

Verificou-se que a gênese das creches na cidade nasceu de escutas compartilhadas entre pais, educadores e comunidade. De forma que deste contexto, surgiram também as pesquisas sobre as crianças, ressaltando de forma extraordinária, a força deste sujeito com relevância social e política.

Constatou-se que para os educadores em Reggio Emília não há uma expectativa em procurar ou formar a criança de amanhã, mas sim a de hoje, pois a intenção é a de dar visibilidade à voz das crianças aqui e agora. Os contextos de aprendizagem não são fechados, impositivos, mas, sim, abertos para moverem-se no espaço, nas relações e nas ideias de quem constrói o processo de aprendizagem cotidianamente.

Dessa maneira, chega-se a uma compreensão de que pensar na aproximação dos sujeitos com respeito, valorização e reconhecimento de sua singularidade é o mesmo que tornar visível o processo de aprendizagem num contexto de relações, diálogo, compartilhamento e conhecimento.

A exemplo de Reggio Emília, a escola no Brasil, pode se tornar protagonista cultural de diversas famílias e cidadãos, de todas as crianças, de maneira a valorizar as experiências que cada um tem. Não cabe aos educadores no Brasil seguirem um modelo de forma simplista, mas inspirar-se a partir de um lugar que evoca a provocação, a escuta, o diálogo, a reflexão. De forma que compreendam que “para dar um passo adiante, precisamos perder o equilíbrio” (informação verbal)⁵, e para isso é preciso ter o desejo de fazer diferente.

Os cidadãos Reggianos almejam que o desenvolvimento da cidade se dê também em termos de valor, cultura e de encontros para tornar a cidade transformadora, aos olhos da própria cidade. O pensamento é realizar ações que devolvam para a localidade bens culturais, sociais e que colaborem na construção de novas creches, espaços educativos e de pesquisa. Rever as premissas nas quais enxerga-se as crianças e deslocar-se para o contexto, para a criatividade, para os processos de relação com o outro, com a Arte e com a Natureza reafirmam o desejo imenso de ampliação do nosso conhecimento e, conseqüentemente, um fazer pedagógico mais coerente na Educação Infantil.

5 Fragmento extraído de um diálogo com uma criança em Reggio Emília e exposto aos participantes do Seminário Internacional no Centro de Pesquisas Loris Malaguzzi. Maio/2016.

Referências

EDWARDS C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança: A abordagem de Reggio Emília na Educação Infantil**. São Paulo: Porto Alegre, v.1, 1999.

EDWARDS C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança: A abordagem de Reggio Emília na Educação Infantil**. São Paulo: Pensa, v.2, 2016.

REGGIOCHILDREN. **Grupo de estudo digital de novembro**. Disponível em: <https://www.reggiochildren.it/>. Acesso em: 10 jun. 2020.

_____. **Regimento das Escolas e Creches para a Infância da Comuna de Reggio Emília**. 2ª ed., Jun/2013.

Recebido em 30 de junho de 2020.

Aceito em 18 de agosto de 2021.